

CRÔNICAS DE ESCRITA E VIDA DE JOVENS GEÓGRAFOS

Writing and Life Chronicles of Young Geographers

Ana Carolina de Oliveira Marques

Universidade Federal da Paraíba

Danilo Ravel Ribeiro

Universidade Federal da Paraíba

Gabriela Soares Braz de Farias

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Desaguam neste texto três percursos de escrita. Uma professora e dois jovens estudantes de Geografia se juntam neste exercício de insubmissão à apatia do texto acadêmico. As crônicas testemunham a potência da escrita na elaboração da experiência humana, na inscrição do sujeito no mundo, na busca de sentido à existência vivida quase sempre como caos. O texto desponta da aventura de trabalhadores que estudam (Arroyo, 2017), atravessados por marcadores de classe, raça, gênero e sexualidade, para ressignificar experiências de sofrimento profundo. Tripulantes da fronteira entre Literatura e Geografia, apostamos na escrita de crônicas como um antídoto à captura da atenção (Bucci, 2021) e à fragmentação radical da experiência que debilita a arte de narrar (Benjamin, 1994) e, portanto, de dar unidade aos acontecimentos da vida cotidiana e ao próprio sujeito (Han, 2021). Concordamos com Clarice à medida que não buscamos no texto literário a representação da realidade ou da fala, mas as possibilidades de criação, cura e anunciação de mundos e geografias possíveis.

Palavras-chave: Aluno trabalhador; Cartografias existenciais; Literatura.

ABSTRACT

Three rivers of writing converge in this text. A teacher and two young students of Geography meet in an act of insubmission – a quiet rebellion against the numbness of academic discourse. These chronicles bear witness to the power of writing: to shape human experience, to inscribe the self in the world, to seek meaning in an existence so often lived as chaos. This text rises from the adventure of workers who study (Arroyo, 2017), traversed by the markers of class, race, gender, and sexuality, as they rewrite experiences of deep suffering. We are crew members sailing the border between Literature and Geography, trusting in the chronicle as an antidote to the capture of attention (Bucci, 2021) and to the radical fragmentation of experience that weakens the art of narrating (Benjamin, 1994) – and, with it, the fragile unity of everyday life and of the self (Han, 2021). We stand with Clarice: we do not seek in literary writing the representation of reality or of speech, but the luminous possibilities of creation, of healing, and of the annunciation of worlds and geographies yet to come.

Keywords: Working students; Existential cartographies; Literature.

INTRODUÇÃO

Peço licença aos leitores e leitoras para a entrada da primeira pessoa: Ana Carolina de Oliveira Marques.

Professora na Universidade Federal da Paraíba, desenvolvo atividades de ensino, pesquisa e extensão em educação geográfica. Participo, desde 2011, da rede de pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência” (CNPq), coordenada pelo professor Eguimar Chaveiro (UFG). Neste coletivo, interessei-me pela literatura enquanto objeto de estudo/pesquisa na interface com a Geografia.

O ano era 2015. Atuei na organização do Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte – Sigeoliterart, em Goiânia-GO. Dois anos depois, apresentei um artigo no XII Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), em Porto Alegre (2017), sobre o “rato de Clarice”. Seguiram outros eventos, apresentações de trabalhos, artigos, orientações e inúmeros encontros da rede. Até que, em 2019, me tornei cronista do blog Multiplicadores de Visat. Sob a coordenação de professores e estudantes da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz-RJ, o blog publica crônicas diárias.

Em 2021, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás, envolvi as crônicas em um experimento didático-pedagógico: em interlocução com os textos/autores da disciplina, os estudantes escreviam crônicas que eram lidas em cada aula. A timidez com a exposição do texto autoral e a intimidação diante de um gênero textual não acadêmico, se misturaram com a angústia e o prazer da criação. Do experimento, nasceram alguns escritores e escritoras. Uma delas, lançou um livro recentemente.

Na UFPB, onde estou há pouco mais de 3 anos, repeti a proposta das crônicas em algumas turmas e no grupo de estudos. Nem todos receberam a ideia com entusiasmo. Nem sempre as crônicas ultrapassaram dois truncados parágrafos.

Houve, porém, os que se entusiasmaram e incorporaram a escrita de crônicas à rotina semanal. Assimilaram o conselho de Tezza (2012), o qual não me canso de repetir: escrever é um trabalho técnico, artesanal e contínuo. Demanda prática cotidiana. Aos poucos, estes estudantes avançam na leitura de críticos literários, biografias de escritores, dicionários e gramáticas, cursos de escrita. Há meses, crônicas espontâneas brotam no meu e-mail e redes sociais.

Gabriela e Danilo fazem parte deste último grupo. Por caminhos e finalidades distintas, ambos estão imersos no universo das crônicas: este gênero que vasculha o armazém das coisas e acontecimentos banais. Pelas crônicas, apuram a prática da observação e da narração. Viajantes além do continente da utilidade, interessam-se pelas “insignificâncias”, pelas imagens verbais inusitadas, pelos caminhos marginais de simbolizar o mundo sensível.

Gabriela, mulher de origem camponesa, migrante do sertão paraibano. Danilo, homem preto, crescido numa favela da grande Recife.

Jovens com pouco mais de vinte anos, moram sozinhos, trabalham durante o dia e cursam a licenciatura a noite. Ambos, bolsistas do Programa Nacional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Os itinerários humanos (Arroyo, 2017) de Gabriela e Danilo, apesar de geograficamente díspares, convergem em muitos aspectos. Os dois jovens estudantes de Geografia conviveram desde muito cedo, cada um a seu modo, com a violência.

A experiência de sofrimento une estes dois que encontraram, na escrita, a “maldição que salva” (Lispector, 2004). Contorcem, cotidianamente, as memórias de violência – ainda cortantes. Matéria-prima de diários íntimos, crônicas, pedidos de socorro em guardanapos e boletins policiais: a dor foi o combustível que os lançou na escrita de si.

Certa vez, em um jantar na minha casa, tomamos consciência da função agregadora da escrita em nossas vidas. O conteúdo das crônicas, cada vez mais íntimo, marcava a construção de uma amizade. Por outro lado, pude, por suas crônicas, acessar dramas que não são exclusivos, mas partilhados por centenas de trabalhadores que estudam (Arroyo, 2017).

Percebi que as crônicas retornavam, e oxigenavam, o meu fazer pedagógico. À semelhança das cartas de vida reunidas por Márcia Rezende no livro “A Geografia do aluno trabalhador” (1989), reconheci nas crônicas saberes e insumos para a educação geográfica. Ou, na direção das cartografias existenciais de Chaveiro e Vasconcellos (2018), entendi que é possível extrair de uma crônica, processos sociais, demandas e memórias coletivas, projetos que extrapolam o empreendimento individual.

Também notei, já no processo em curso, o poder da crônica na simbolização das experiências vividas. A página em branco como uma poderosa tela de expressão do que o corpo não pode, e não deve, reprimir – sob a pena de adoecimento (Benjamin, 1994; Han, 2021). Escrever para suportar a vida, como insistia Clarice.

Gabriela, Danilo e eu decidimos, embalados por vinho e camarão – que no dia seguinte, virariam conteúdo de uma das crônicas – produzir um texto acerca da atmosfera da escrita na qual estávamos inebriados. Diante do receio com o nível de exposição de meus estudantes, acertamos que ninguém seria identificado nas crônicas. Não iríamos, todavia, recuar na radicalidade da ideia inicial: produzir um texto autoral, corajoso, disruptivo.

Sem mais delongas, com vocês: crônicas de escrita e vida de jovens geógrafos!

Doce e Amargo Retorno

Eu sempre evito ir para Recife. Quando vou, é em datas especiais – o aniversário da minha mãe, em 26 de outubro, ou na véspera de Natal, em 24 de dezembro. São raras as vezes em que deixo João Pessoa para

revisitar a cidade onde cresci. E, mesmo assim, cada retorno é um desafio.

Sair do conforto que conquistei na Paraíba – fruto de esforço, estudo e persistência – e voltar para o lugar que quase me ceifou a vida é um exercício de resistência. Lá, no Alto da Foice, o tempo parece estagnado. A favela me espera com suas escadarias íngremes, o cheiro do esgoto a céu aberto, a casa de dois cômodos com goteiras, paredes mofadas, o piso de cimento esburacado, sem pia, sem banheiro – e o mais cruel: sem água. A escassez hídrica é uma ferida que nunca cicatriza.

Nunca consegui chamar aquele lugar de lar. Falta segurança, falta paz, falta tudo – menos dor. Ainda assim, eu volto. Volto pela minha mãe, pelos meus primos, pelas sobrinhas e pelas irmãs. Volto porque sei que, de alguma forma, minha presença significa algo.

Sou o único da família que passou no ENEM mais de uma vez, que tirou 840 na redação, que chegou à universidade e seguiu até a pós-graduação. Ainda não tenho condições de ajudá-los como gostaria. O aluguel no Castelo Branco é caro, e ser estudante é equilibrar contas e esperanças: luz, água, internet, alimentação. Pelo menos o transporte não pesa – moro ao lado da UFPB, e isso já é um privilégio.

Sempre que volto a Recife, só consigo ficar três dias. Depois disso, a saudade da minha rotina em João Pessoa começa a me apertar: o banheiro com box e cerâmica, a pia com água corrente – pequenos confortos que, para mim, significam dignidade.

Tenho tentado me salvar. Entre as adversidades, as dores emocionais e os relacionamentos tóxicos que me atravessam, encontrei refúgio na terapia social. Meu psicólogo é desses que não aliviam: questiona, provoca, faz pensar. Pago um valor simbólico, mas o que recebo é imensurável.

O que dói mesmo é ver que, enquanto tento me reconstruir, minha família segue sendo mutilada pela pobreza. Vejo minha mãe com a autoestima ferida – banguela, ficando calva, lutando contra os vestígios da velhice. Vejo os que permaneceram na favela, sobrevivendo com o Bolsa Família, resistindo ao esquecimento.

Voltar a Recife é sempre um misto de doçura e amargura. É como revisitar o passado e encarar, ao mesmo tempo, tudo o que superei e tudo o que ainda me atravessa. Mas também é uma força silenciosa que me empurra para frente: a certeza de que a educação é a ponte possível entre o que fui e o que posso ser.

Talvez um dia eu consiga retribuir. Talvez um dia eu possa ajudar os que ficaram no Alto da Foice – esse lugar marcado pelo abandono, pela violência, mas também pela coragem de quem insiste em viver, mesmo quando o mundo parece ter desistido.

A poesia mora no bar

Numa mesa de bar, sento com dois amigos. Estes carregam as seguintes características: na minha frente, senta-se um homem de cabelos cacheados, sorriso largo, voz delicada. O seu corpo emana bondade e, em

cada centímetro, as suas curvas exalam a luz da qual o mundo precisa. Não canso de escutá-lo. Ele é um pouco mais velho que eu, é um museu ambulante. Eu compreendo que ele tem muito o que me ensinar, por isso, atenta, ouço as suas longas histórias sobre vida e percurso na educação.

Na ponta da mesa, senta-se um rapaz que, diferente do primeiro homem, é mais jovem. Ele tem sua tonalidade de voz forte, mas, ao mesmo tempo, melancólica. Como explicar? Ele é, ao mesmo tempo, forte e resistente, pois enfrentou as diversas consequências da perversidade do capitalismo.

Eu tenho uma teoria: o amor por sua família não deixou que ele se perdesse no meio do caminho. Este está de branco, me convidando a vislumbrar o infinito. Cabelo? Nenhum. Talvez o estresse da vida tenha feito com que caísse – vai saber! No entanto, por incrível que pareça, a sua cabeça é tão lisa que espelha e reflete tudo à sua volta. Inclusive, reflete o interior dele – especificamente, o seu coração. Soltam-se flechas da sua careca, flechas de bondade.

Há que se enfatizar que, naquele momento, minha mente para de funcionar, se atentando aos detalhes e à poesia contida em cada palavra deles. Eu só consigo colocar para dentro as histórias mirabolantes daqueles dois homens. Um me conta que tem 16 irmãos. Como assim, 16 irmãos? Fico me indagando: o ato de fazer amor na época de seus pais deveria ser tema de pesquisa a ser debatida nos corredores do meio acadêmico. Eu concluo que os resultados seriam incompreensíveis, mas, ao mesmo tempo, tirariam o fôlego de qualquer um.

Naquele momento, o rapaz careca quase não me olhou, desviava o olhar. Ele tinha tanto a dizer para mim, mas preferiu esconder os olhos, para que eu, ao olhá-lo, não decifrasse o mar de emoções que sua alma continha. Por ser sincero, não consegue esconder o fervor de seu ser. Diante disso, continuo a ouvir. Ele relata que viveu sua infância na periferia de uma cidade e, com muita simplicidade, aborda que conseguiu mudar de vida por meio da educação – mais que isso, ANDA DE MÃOS DADAS COM A LIBERDADE.

É fato que eles me tiram toda a sanidade mental que eu tenho. Meu ser pega fogo e inunda-se em um mar de esperança, de amor, alegria, paz e conforto. Começo a entrar em processo de reflexão sobre como congelar aquele momento. Minha loucura é ter certeza de que os pratos na mesa, os garfos ao lado, as gesticulações corporais, os risos, a mesa de madeira, o bar lotado de gente, ao fundo o forró tocando, os garçons passando de um lado para o outro, as conversas jogadas ao vento e a escuta afiada... são eternos. Como se eu pudesse voltar lá, todas as vezes que fechasse os olhos.

Ressignificar o 2 de Agosto

Nasci em 2 de agosto de 1999, sob a lua minguante, no período em que o Sol atravessava Leão, signo marcado pelo elemento fogo. Vim ao mundo com intensidade – teimoso, rebelde, sobrevivente. Sobrevivi ao abandono do meu pai e cresci sob a força da minha mãe, mulher preta,

marcada pela pobreza, que lutou desde menina para não ser engolida pela vida.

Ela nunca deixou faltar o essencial: sapatos, cadernos, mochilas, calças jeans para eu ir à escola. Trabalhava como doméstica, limpando a casa dos outros, para que nada me faltasse. Mas, entre o cansaço e as feridas que o tempo lhe impôs, ela esqueceu de me amar com palavras, com abraços, com toque. E eu, seu filho do meio, aprendi cedo a compreender o silêncio de quem só sabia amar através do esforço.

Mainha sempre foi mulher de luta e de copo. Desde que me entendo por gente, lembro dela bebendo – talvez tentando afogar as dores que o mundo lhe impôs. Eu cresci entre bares, batuques e gargalhadas. Ela me levava para o Bar da Gaiola desde os cinco anos. Eu dançava, bebia refrigerante e me sentia parte da festa. Durante a gravidez, ela dançava e bebia também. Talvez por isso eu tenha nascido com o corpo em movimento. A dança virou meu refúgio, uma forma de quebrar amarras invisíveis.

Com as condições do nosso lar, meus aniversários quase sempre passavam batidos. Nada de bolo, nem parabéns, nem festa. E, ironicamente, bolo sempre foi minha sobremesa favorita. Em João Pessoa, quando conquistei meu próprio fogão com forno, fiz questão de preparar bolos de todos os sabores – como se cada um fosse um acerto de contas com o passado.

Lembro de um aniversário, já adulto, quando mainha chegou bêbada em casa. Trazia uma camisa comprada fiado na lojinha da vizinha do morro – o presente dela. A roupa não serviu, e eu troquei por um perfume. E lembro também dos meus 16 anos, quando fui brutalmente agredido pelo meu irmão, simplesmente por ser gay. Naquele dia, fugi de casa. Procurei abrigo na casa de uma prima, que não me acolheu. Acabei dormindo na casa de uma amiga, com o corpo doendo e o coração dilacerado.

Minha primeira festa de aniversário aconteceu apenas aos 24 anos, em 2023, já em João Pessoa. O tema era o Sport Club do Recife – meu time de coração. Eu estava radiante, vestido com a camisa rubro-negra. Preparei a casa, o bolo, os doces e os salgados. Convidei alguns amigos, mas ninguém apareceu.

Meu ex-companheiro ajudou a pagar o kit festa. Estava ali comigo, mas ausente – recusou-se a usar a camisa do Sport que eu havia comprado para nós e preferiu pendurá-la na mesa. Naquele silêncio, percebi que, mesmo cercado de enfeites, eu ainda comemorava sozinho.

Em 2024 e 2025, algo começou a mudar. No trabalho, conheci uma amiga de telemarketing que, com um gesto simples, me ajudou a reescrever minha história. Pela primeira vez, alguém me fez uma surpresa de aniversário: um bolo confeitado e o “Parabéns pra Você” entoado com sinceridade. Parece pouco – mas para quem cresceu sem bolo, sem festa, sem celebração, aquilo era um abraço simbólico no menino que eu fui.

Alguém inesperado fez parte desse processo de cura, dessa nova relação com a minha própria existência. Ela me lembrou que o afeto também pode nascer fora da família, e que a vida ainda pode oferecer doces mesmo depois de tantos amargos.

Em 2025, decidi dar um passo maior: celebrar com a minha família, em Recife, na casa da minha irmã. Fizemos um churrasco com quinze, talvez vinte pessoas – sobrinhas, primas, amigas. Foi uma das tardes mais felizes da minha vida. Ganhei presentes, risadas e abraços. Tive que insistir muito para que meu ex companheiro fosse, quase me humilhando, mas no fim ele foi. E, naquele dia, eu me senti vivo.

Hoje, ressignifiquei o 2 de agosto. Já não é mais uma data triste, nem um lembrete do que me faltou. É uma celebração do que conquistei – o direito de existir, de comemorar, de me dar presentes, de fazer meu próprio bolo.

Não estou mais na favela, não sou mais aquela criança triste que assistia os outros apagando velas. Sou um homem em reconstrução, que aprendeu a ser o próprio motivo da festa.

E, se hoje posso sorrir diante de um bolo simples, com cobertura de leite condensado e confete colorido, é porque entendi que ele não é apenas sobremesa. É símbolo. É o bolo que o tempo me devia.

Chopin embala a tarde ardente de um sábado de agosto

Durante uma tarde de sábado do mês de Agosto, desapegada do mundo, eu me sento em uma cadeira, com fervor, e ponho os meus olhos no livro. Eu tenho que confessar: jamais tinha sentido tanto prazer ao ler um livro como hoje, meus olhos não conseguiam parar. Posso afirmar que, se Rubem Alves fosse vivo, eu, com toda certeza, me apaixonaria por ele, colocaria uma venda em meus olhos e, loucamente de amor, passaria o resto dos meus dias o ouvindo.

O som de Chopin me fez caminhar lindamente sobre todas as palavras que me entrelaçaram, ou posso afirmar que a música me fez voar, sair do chão. Irei confessar que fiz amor com um livro, o prazer permeou o meu corpo inteiro, os olhos quase pularam da face. No silêncio, há muito o que se dizer, é preciso escutar o silêncio, de forma poética, para que possamos ver beleza neste. Hoje, minha voz não ecoou, pois o meu silêncio se conectava com cada linha escrita, que me acordava para as belezas da vida; minha alma, a cada página lida, gemia alto.

Ao lado de fora, a chuva caía. Para mim, tudo acontecia de forma lenta, a música guiava os pingos de água até o chão, e, como espelho, o chão da calçada refletia o céu. Como magia, o violino conversava com todo o cenário. E como explicar o fato de que há beleza em tudo à minha volta? O celular do lado do notebook, os pés em cima de uma cadeira, a garrafa de café de lado, na parede alguns post-its que denunciam minha dificuldade em gramática. Hoje eu aprendi que os nossos sentidos nos despertam para o mundo, e de nada vale a vida se não vislumbrarmos seus infinitos prazeres.

O Medo de Não Me Amar

Há um tipo de solidão que não se cura com companhia, mas com espelho. E, ultimamente, nem o espelho tem me suportado.

Vivemos em um tempo em que ser visto virou luxo. As pessoas correm – atrás de metas, diplomas, salários –, e esquecem de olhar umas para as outras. O capitalismo nos ensinou a sermos produtivos, mas não afetivos. Cada um cuida da própria sobrevivência, e os vínculos, frágeis, se rompem com o menor descuido.

As redes sociais tentam preencher esse vazio com curtidas e corações, mas o virtual não abraça. O toque da tela não aquece. O olhar pela câmera não sustenta quem está caindo. Eu sei disso – senti na pele.

Depois do fim de um relacionamento de quase três anos, percebi o quanto o silêncio pesa. As mensagens pararam de chegar, os convites cessaram, e eu fiquei em casa tentando me manter vivo. Enquanto meus amigos postavam fotos sorrindo, eu lutava para fazer o mínimo: comer, tomar banho, levantar da cama. O corpo presente, a alma ausente.

Mas essa ausência não começou agora. Ela vem de longe – vem da infância, do abandono, das violências que moldaram meu corpo e meu medo. Fui um menino negro, pobre, de uma casa sem banheiro e sem água encanada. Fui o alvo das ofensas, dos empurrões, do assédio, do silêncio. Aprendi cedo que o mundo não tinha espaço para mim. E talvez por isso eu tenha me tornado tão cruel comigo mesmo.

Já me ajoelhei diante de amores fracassados, implorando para que ficassem. Já pedi perdão por existir demais. Já acreditei que só teria valor se alguém me escolhesse. Hoje percebo que o abandono mais doloroso não foi o dos outros – foi o meu.

Passei a vida tentando merecer o olhar de alguém, quando o que eu precisava era aprender a me olhar. E essa é a tarefa mais difícil de todas: me amar depois de tanto desamor, me acolher depois de tanto desprezo, me reconhecer digno depois de uma vida ouvindo que eu não era suficiente.

Enquanto o mundo gira em torno da pressa, eu tento desacelerar para me escutar. Entre o trabalho sufocante no telemarketing durante o dia, as aulas à noite na universidade e o cansaço que me consome, carrego um medo antigo – o de morrer sem me amar. Não tenho medo da morte. Tenho medo de chegar ao fim da vida sem conseguir me perdoar por ter acreditado, tantas vezes, que não merecia existir.

Trago comigo as heranças de um país que sempre negou ternura aos corpos negros e pobres, como se o amor fosse privilégio. Mas quero transformar essa dor em força. Quero amar o menino que sobreviveu quando tudo parecia ruir. Quero olhar no espelho e não desviar o olhar.

Talvez esse seja o ato mais revolucionário que me resta: me escolher, me reconhecer, me amar. Porque enquanto o mundo insiste em nos fragmentar, resistir é aprender a se reconstruir inteiro.

E, no fim, é isso – não temo morrer sozinho. Temo morrer sem ter aprendido a ser, finalmente, o meu próprio amor.

Entre vinho e Camarão

Na semana passada, recebi um convite inesperado da minha querida professora e coordenadora: jantar em sua casa, no Bessa, no dia 24 de outubro. Fiquei embasbacado. Há convites que, mais do que encontros, parecem portais – anunciam recomeços.

Entre o dia do convite e o dia do jantar, muita coisa aconteceu. Tomei banho de sal grosso para banir as energias pesadas, depois me lavei com alecrim e camomila, buscando paz, serenidade e equilíbrio. Eu estava pleno – as leituras me habitavam.

Tinha acabado de terminar a biografia de Viola Davis, essa mulher preta retinta que atravessou a dor e a fome para se tornar símbolo de força. Sua história me inspirou a seguir firme. Comprei livros de Bell hooks, Paulo Freire e Bárbara Carine, como quem se alimenta de sabedoria.

Mas a vida tem dessas ironias: o acaso me trouxe meu ex-namorado para ajudar a pintar a casa. E foi ali, entre pincéis e paredes, que a energia boa que me cercava começou a se dissipar. Senti a ansiedade voltar, o corpo pesar. Depois de limpar sozinho cada canto coberto de poeira, adoeci. Ainda assim, resisti.

Chegou, enfim, o grande dia. Sexta-feira à noite, entre risos, taças e boa música. O vinho seco, servido com rodela de limão-siciliano e um toque de anis-estrelado, trazia um frescor que parecia anunciar um renascimento.

Entre conversas com Carol e Gaby, a atmosfera era leve, quase mágica – até que o jantar ficou pronto: risoto de camarão. Eu nunca tinha visto tanto camarão junto. Pensei: *talvez eu esteja curado*.

Desde criança, aquele crustáceo me lembrava desigualdade. Lembro-me da casa da “patroa rica” da minha tia: no prato dos filhos, camarões fartos; no meu, o silêncio da ausência. Quando todos dormiram, roubei um pequeno pedaço – e o corpo castigou minha desobediência. A garganta ardendo, os olhos marejando, o silêncio como remédio e castigo.

Ontem, porém, a história se repetiu. O mesmo camarão, o mesmo encanto, o mesmo veneno. Comi acreditando na cura, e logo senti a garganta fechar, os olhos incharem, a voz sumir. O corpo, mais uma vez, gritou.

Fui socorrido por mãos solidárias. Carol e Gaby me levaram ao hospital, onde recebi injeções que ardiam como verdades inevitáveis. O rosto deformado pelo inchaço, a voz embargada – e, ainda assim, havia beleza: a beleza de ser cuidado.

O vinho me animou, o camarão quase me matou, mas foram as companhias que me salvaram. Em meio à dor, encontrei o gesto mais humano: o olhar que acolhe, o toque que ampara, o cuidado que reencanta.

Apreendi que a vida, como o vinho, exige tempo e partilha – só amadurece no encontro. E que há sabores que não são para o nosso corpo, assim como há pessoas e lugares que já não cabem em nossa pele. Mas o essencial é isso: há sempre um cuidado possível, mesmo depois da dor.

Entre vinho e camarão, percebi que a existência é uma travessia – ora amarga, ora doce, mas sempre digna de ser sentida.

O que quase me matou, me ensinou a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que interpretar o fundamento geográfico das crônicas partilhadas - o que pode ser feito em escritos futuros, a mola propulsora deste texto ancora-se na defesa do próprio ato de escrever como uma possibilidade de simbolizar experiências de sofrimento de estudantes trabalhadores. Enquanto um canal/tática individual e coletiva de perceber e reagir ao mal estar da vida contemporânea, a escrita autoral também é objeto de disputa.

Do ato da escrita, e da partilha do texto como um convite à comunhão das fragilidades e potencialidades humanas, novos afetos políticos podem emergir. A amizade, a solidariedade, a indignação, a compaixão, o respeito à alteridade disputam a constituição do sujeito contemporâneo, tensionado por forças econômicas, político-ideológicas que o projetam conforme valores neoliberais como o individualismo, a competitividade, a indiferença, a apatia social.

A escrita de crônicas oxigena a nossa imaginação, também cerceada por uma crença na inevitabilidade das relações tal como são/estão. No limite, a inevitabilidade de uma sociedade estruturada em classes e de um mundo material reduzido a um “imenso conjunto de mercadorias”, como alertou Karl Marx.

Se Manoel de Barros estiver correto, e as coisas estiverem mesmo cansadas de serem olhadas por pessoas razoáveis, estamos no caminho certo: desacostumar o nosso olhar pelas crônicas, para que criemos novos modos de nos relacionar com o mundo e entre nós.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2021.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Cartografias existenciais: premissas de uma leitura. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de (org.). **Uma ponte ao mundo: cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho**. Goiânia: Kelps, 2018. p. 25-42.

HAN, Byung-Chul. **A crise do eu na sociedade digital**. Tradução de Tereza da Silveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens: de escrita e vida**. Seleção de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

REZENDE, Márcia S. **A geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

TEZZA, Cristovão. **O espírito da prosa: uma autobiografia literária**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Contato dos autores/as:

Autora: Ana Carolina de Oliveira Marques
e-mail: anacarolina@ccen.ufpb.br

Autor: Danilo Ravel Ribeiro
e-mail: daniloravel4@gmail.com

Autora: Gabriela Soares Braz de Farias
e-mail: gs2557007@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 29/06/2026.